

www.visao.pt

Nº 733 - 22 de Março 2007

Continente e ilhas: € 2,75

JUROS

QUAL A MELHOR TAXA



SALAZAR ESTÁ VIVO?

PORQUE PAIRA AINDA SOBRE PORTUGAL A SOMBRA DO 'VELHO ABUTRE'

VISÃO

SALAZAR DIGITAL

O que aconteceu à nossa memória? O ditador, que nunca se submeteu a uma eleição, pode vir a ser eleito o «Grande Português» e ter direito a museu

com o seu nome. Estará Salazar vivo ou bem enterrado? Consulte o dossiê multimédia e participe neste debate.



Está vivo?

Maldito ou querido ditador. Odioso ou saudoso Estado Novo. Sepultar ou visitar o passado. Ajustar contas ou mitificar a História. Do futuro museu ao concurso televisivo *Os Grandes Portugueses*, passando pelos *best-sellers* editoriais, aqui se explica porque é que ainda sentimos a sombra do «velho abutre»

Sara Belo Luís

Era uma espécie de boneco de papelão. Um ditador findo e longínquo que, julgavam João Paulo Cotrim e Miguel Rocha, já quase nada lhes dizia. Houvera a repressão, a guerra colonial, um país amordaçado e, não tinham eles mais do que 9 e 6 anos de idade, uma revolução capaz de enterrar o regime autoritário mais longo do século XX europeu. Quando lhes propuseram fazer um livro de banda desenhada sobre Salazar, a dupla criativa (Cotrim argumentista, Rocha desenhador) estava convencida de que o *Botas* não fazia parte das suas vidas. Que nada mais era do que um boneco de papelão – ridículo, bafiento e, irreversivelmente, arredado.

Enganaram-se. Descobriram, depois, os autores de Salazar. Agora, na *Hora da sua Morte* que, afinal, ainda restam por aí umas quantas heranças do salazarismo. Exemplifica Cotrim: a ausência de uma verdadeira sociedade civil, a forte presença do Estado e um certo «hor- ➤



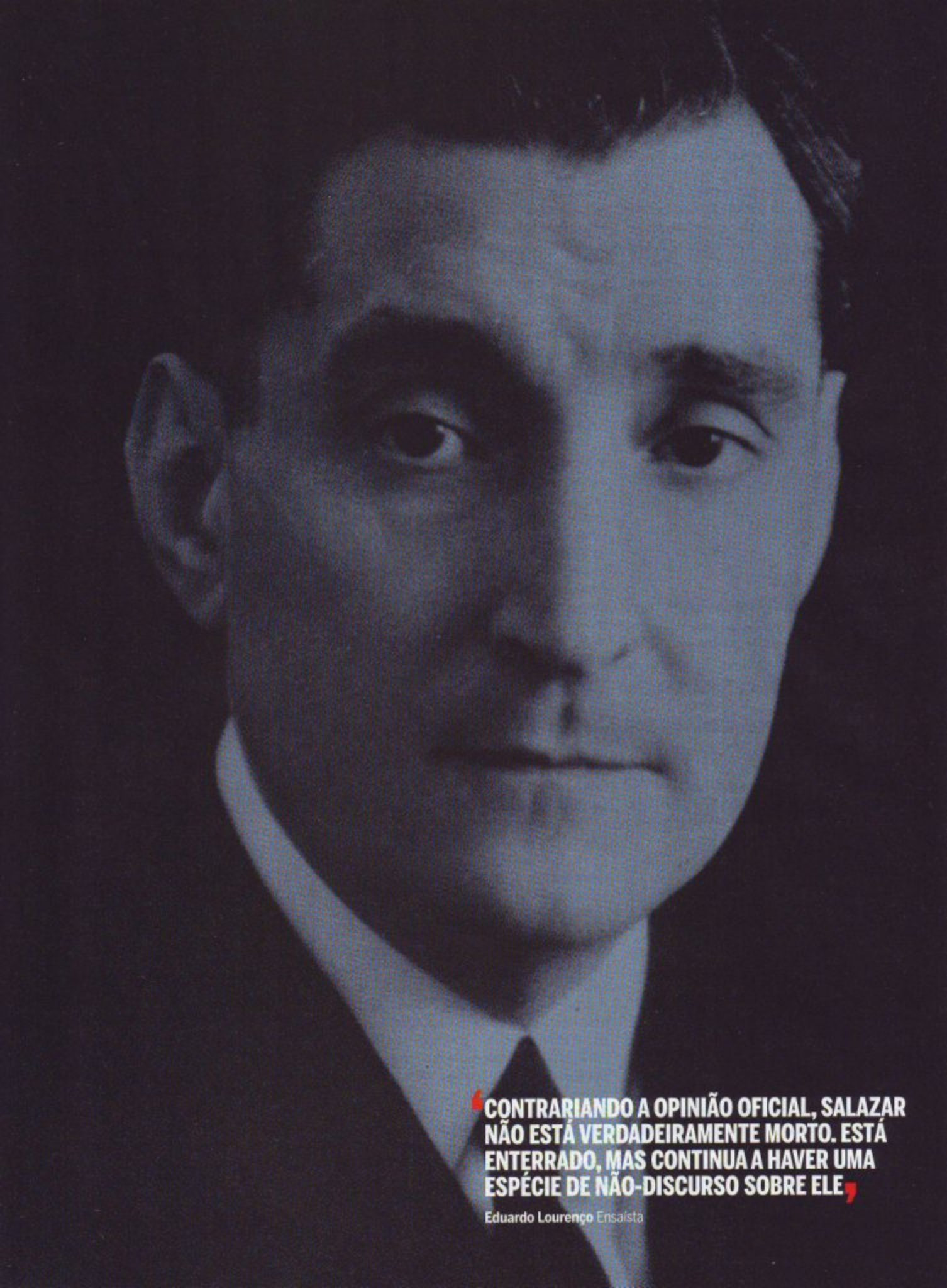
Consulte-nos!
Simplifique a sua Vida.
www.exchange.pt

3 PERGUNTAS 3 FIGURAS 3

1 O ditador
Na década de 30, no princípio do longo regime

2 O ditador
Na década de 30, no princípio do longo regime

3 O ditador
Na década de 30, no princípio do longo regime



CONTRARIANDO A OPINIÃO OFICIAL, SALAZAR NÃO ESTÁ VERDADEIRAMENTE MORTO. ESTÁ ENTERRADO, MAS CONTINUA A HAVER UMA ESPÉCIE DE NÃO-DISCURSO SOBRE ELE

Eduardo Lourenço Ensaísta

► **ror»** a tudo quanto à política diz respeito. O livro foi publicado pela Parceria A. M. Pereira (a mesma editora que já antes havia publicado *Entrevistas de António Ferro a Salazar* e *Férias com Salazar*, de Christine Garnier) e ganhou vários prémios, no Festival de Banda Desenhada da Amadora, mas, a Cotrim e a Rocha, também lhes trouxe alguns dissabores. Em comunicado, a Juventude Comunista acusou-os de fazerem «uma recuperação fascista» da figura e, ao e-mail de Cotrim, chegaram mensagens pouco delicadas. «Os



Guerra «Rapidamente e em força para Angola», ordenou aos microfones da televisão e da rádio

País de analfabetos

Salazar nunca investiu na escolarização. E Portugal ainda se ressent

População dos 15 aos 64 anos sem grau de instrução

(analfabetos e sem a conclusão do primeiro ciclo, antiga 4.ª classe) Em %



FONTE: INE INFOGRAFIA VISÃO

portugueses não conseguem relacionar-se com o seu passado, o que é, aliás, mais uma das heranças de Salazar. Olhamos para trás como quem olha para uma caderneta. Coleccionamos os cromos, vemos o quadro mitificado e não conseguimos ir além dessa abordagem», defende Cotrim. E acrescenta:

«Acomodámo-nos à ideia de que Salazar nos foi imposto, mas, quando conseguirmos pensar de forma menos simplista, chegaremos à conclusão de que ele foi um produto daquela sociedade. É preciso ultrapassar isto para ultrapassar «a questão Salazar».

Estará Salazar vivo ou definitivamente enterrado? No ano passado, os professores protestaram contra a revisão do estatuto da carreira docente e uma das palavras de ordem foi «a ministra a mandar é pior que Salazar». Um reformado da CP dizia, numa das últimas manifestações da CGTP, para quem quisesse ouvi-lo: «Sócrates é Salazar ressuscitado.» Já no princípio deste mês, quando, nas ruas da freguesia do Vimieiro (Santa Comba Dão), se digladiaram defensores e opositores da recuperação da casa do ditador, uma mulher de xaile de lã nos ombros empunhava um cartaz: «Salazar continua vivo mesmo contra quem nega a tua obra.» E, no próximo fim-de-semana, na final do polémico concurso da RTP, Salazar (que, em vida, nunca foi sufragado) poderá (depois de morto) ser eleito o maior de *Os Grandes Portugueses*. Maldito ou querido, porque é que – como escreveu o filósofo José Gil num artigo do *Courrier International* – «Salazar-fantasma continua a assombrar»? «Ditador ou salvador», porque é que ainda não nos livrámos daquele a quem Sophia chamou «o velho abutre» («O velho abutre é sábio e alisa as suas penas/ A podridão lhe agrada e seus discursos/ Tem o dom de tornar as almas mais pequenas»)?

Deus...

Segundo Eduardo Lourenço que, há muito, reflecte sobre os problemas da identidade nacional, o actual revivalismo em redor da figura de Salazar diz muito mais sobre o momento presente do que sobre o passado. «Contrariando a opinião oficial, Salazar não está verdadeiramente morto. Está enterrado, mas continua a haver uma espécie de não-discurso sobre ele. O 25 de Abril deu o passado como morto e sepultado, mas a memória não se apaga», explica Lourenço à VISÃO. Para o autor de *O Labirinto da Saudade*, estamos a assistir àquilo que, em linguagem freudiana, se afirma ser «o regresso do recalcado»: «O Estado Novo não foi objecto de juízo público e uma democracia sem ajuste de contas é uma democracia sem base de legitimação. A morte de Salazar e o seu esquecimento foram fictícios e factícios. Salazar está longe e, ao mesmo tempo, está próximo. A verdade é que, com o fim do império e esgotadas as ilusões trazidas pela vitória e consolidação democráticas, não suscita grande entusiasmo esta Europa para onde quisemos ir.»



Espiritual e temporal
Cerejeira e Salazar, dois amigos no poder



**“O VELHO ABUTRE É SÁBIO E ALISA AS SUAS
PENAS/ A PODRIDÃO LHE AGRADA E SEUS
DISCURSOS/ TÊM O DOM DE TORNAR AS
ALMAS MAIS PEQUENAS”**

Sophia de Mello Breyner Andresen Poeta



Perto do fim No carro, após ter ido votar nas eleições de 1969, já depois de ter caído da cadeira

“O ERRO DA ESQUERDA FOI TER CONTRIBUÍDO PARA A MITIFICAÇÃO DE SALAZAR, TRANSFORMANDO-O NUMA ESPÉCIE DE ANJO DO MAL DESTA PAÍS,”

Fernando Dacosta *Escritor, Máscaras de Salazar*

► Talvez por isso, Carlos Fragateiro, diretor do Teatro Nacional Dona Maria II, tenha pensado duas vezes antes de pôr um anúncio no jornal. Precisava de um actor, com mais de 40 anos, para interpretar a personagem do ditador, na peça *As Férias Grandes com Salazar*, do espanhol Manuel Martinez Mediero, com estreia marcada para o próximo dia 24 de Abril. Antes, teve, porém, «um certo pudor». «Só dizer o nome dele parecia que nos queimava a língua.» O anúncio deu nas vistas e, entre os 18 que se propuseram, acabou por ser escolhido Francisco Brás. «A minha geração», sustenta Fragateiro, «tem que exorcizar de uma vez por todas este fantasma.» Os americanos fazem filmes sobre o Vietname

«e nós, pelo nosso lado, temos que assumir o nosso passado. E, depois de Salazar, ainda temos o tabu da guerra colonial.»

Em Outubro do ano passado, começou a circular que Salazar não figuraria na lista inicial de *Os Grandes Portugueses*. Na blogosfera, acusou-se a RTP de estar a fazer censura prévia, José Hermano Saraiva disse tratar-se de «um lapso de memória». Mais recentemente, o concurso apresentado por Maria Elisa suscitou também um abaixo-assinado de mais de 90 historiadores e investigadores. À VISÃO, o produtor Bruno Cerveira confessa que já esperava controvérsia: «Em Inglaterra, foi a Diana de Gales. Em Portugal, foi o Salazar.» Por seu lado, Jaime Nogueira Pinto,

que aceitou defender o ditador, no programa, por «afinidades ideológicas» («Ser salazarista era o modo de ser nacionalista nos anos 30»), comenta: «O processo psicológico do programa foi interessante para conhecer o País. As pessoas gostam que as regras do jogo sejam cumpridas e reagiram quando perceberam que havia uma certa hesitação em integrar Salazar na lista.»

Pátria...

Fernando Rosas encabeçou, com José Mattoso, o abaixo-assinado contra *Os Grandes Portugueses*. Para o historiador e deputado do BE, «o concurso veio chamar a atenção para a figura de Salazar de uma forma negativa»:

«Oportunisticamente, aproveitam-se do interesse dos portugueses pela sua história com o objectivo de manipular a audiência, fazer negócio, tentando criar um mito à volta de Salazar e branqueando a ditadura. É um mau serviço do canal público.»

Após a Parceria A. M. Pereira ter descoberto a pólvora, muitas foram as editoras que tentaram aproveitar o filão Salazar. Da colecção de fotobiografias coordenadas por Joaquim Vieira para o Círculo de Leitores, o volume dedicado ao chefe do Estado Novo foi, de longe, o mais procurado, no mercado. No total, aos sócios do clube foram vendidos mais de 30 mil exemplares, aos quais há a acrescentar mais de 2 mil da edição de livraria. Vieira considera que, «em períodos de crise, as pessoas tendem a olhar para o passado». Na sua opinião, a nostalgia em relação a esse período é sentida, sobretudo, pe-

‘PORQUE É QUE GOSTAMOS DE UM CERTO AUTORITARISMO? PORQUE É QUE ACHAMOS QUE O ESTADO TEM DE TOMAR CONTA DE NÓS?’

Helena Matos Jornalista,
A Construção do Mito e A Propaganda

las gerações mais novas que, não possuindo «memória directa», tendem a ter «uma visão mais teórica e idealizada» do que se passou.

Nove anos depois, Fernando Dacosta apresentou uma nova edição, revista e aumentada, de *Máscaras de Salazar*, que, desde o final do ano passado, já atingiu os 27 mil exemplares vendidos (a de 1997 havia perfeito cerca de 50 mil). Para este jornalista e escritor, «o erro da esquerda foi ter contribuído para a mitificação de Salazar, transformando-o numa espécie de anjo do mal deste País». «É preciso humanizá-lo como um político comum e só depois será possível desmistificá-lo», defende. Dacosta acha que o presente ressurgimento da figura é provocado por «uma grande desilusão com a vida actual»: «Não foi o Portugal prometido pela oposição a Salazar que se cumpriu. O que reapareceu foi, antes, o velho Portugal de Salazar, pobre, ignorante e alienado. Nós nunca temos saudades do passado. O que temos é saudades das utopias que tivemos no passado.»

Também Felícia Cabrita anda atrás dos mistérios em redor do retrato do ditador. ▶

► Para a jornalista, autora de *Amores de Salazar*, do qual, desde Outubro do ano passado, a Esfera dos Livros já vendeu 25 mil exemplares, num total de sete edições, a imagem de Don Juan assenta-lhe bem. Da governanta dona Maria até às supostas amantes, a curiosidade sobre as mulheres na vida de Salazar não é de agora e, no fundo, condiz bem com o secretismo alimentado pelo regime. Num célebre perfil traçado para o jornal *Público*, Mário Soares escreveu: «O mito de Salazar começa aí, como mago das Finanças, homem austero, apagado, quase secreto nas suas motivações.» A historiadora e jornalista Helena Matos, que assinou dois volumes intitulados *A Construção do Mito* e *A Propaganda*, advoga que o próprio Salazar «cultivou a ideia de que nunca se sabia tudo sobre ele». A seu ver, seria estranho que não se falasse da pessoa que mais tempo esteve no Governo: «É importante perceber o fenómeno. Porque é que gostamos de um certo autoritarismo? Porque é que achamos que o Estado tem de tomar conta de nós? Porque é que achamos que há coisas que só podemos resolver se sacrificarmos a nossa liberdade? Porque é que não nos vemos como senhores do nosso próprio destino? Porque é que continuamos a ter uma extraordinária disponibilidade para acreditarmos na propaganda e nas sombras que ela nos transmite?»

... E família

Ambos professores do Instituto de Ciências Sociais, Luís Salgado Matos e António Costa Pinto concordam que não existe saudosismo em relação ao regime ditatorial. «Salazar lembra a pobreza e ninguém tem saudades disso», salienta Salgado Matos. Costa Pinto, por seu lado, lembra que «o salazarismo sociológico está em vias de desaparecimento»: «Se tivermos uma crise no nosso sistema democrático, ficamos muito mais próximos de um populismo de direita do que do salazarismo. O passado salazarista não é mobilizador, na sociedade portuguesa.» Costa Pinto não

... 2005



A revolução Fuzileiro retira do gabinete do ex-director da PIDE/DGS, Silva Pais, o retrato de Salazar

“O PASSADO SALAZARISTA NÃO É MOBILIZADOR NA SOCIEDADE PORTUGUESA”

António Costa Pinto Historiador

vê «um novo fascínio». «A nossa democracia é produto da negação do salazarismo e da ameaça do comunismo. Isto faz com que Salazar seja visto como uma figura negativa pela maioria dos portugueses, mas não é demonizada como Hitler ou Mussolini», justi-

fica. Falta a resposta à pergunta provocatória do princípio deste texto. Salazar está vivo? O dinossauro excelentíssimo (na metáfora ficcional de José Cardoso Pires) está morto. E quanto muito – conforme ironiza Salgado Matos – é uma boa «marca». ■



Cabrita Reis na VISÃO

O 25 de Abril apanhou-o na Faculdade de Belas-Artes. As aulas acabariam por ficar de lado e, nos anos seguintes, Pedro Cabrita Reis (PCR) andou entretido nas lutas da UDP. Nos seus tempos revolucionários, contou à VISÃO numa entrevista publicada em Fevereiro último, fez uma única pintura mural – na Rua da Rosa, no Bairro Alto, Otelo Saraiva de Carvalho apareceu a verde e preto. Hoje, Cabrita Reis é um dos nomes maiores da arte contemporânea e, num projecto inédito para a VISÃO, aceitou a provocação de retratar Salazar. O ditador segundo PCR segue já na página a seguir...



Memórias de Salazar

O regresso definitivo a Santa Comba e o Museu que o não vai ser

José Carlos de Vasconcelos

Um comboio fora do tempo atravessava a tarde tórrida daquele dia 30 de Julho de 1970. Nesse improvável comboio, fazia a derradeira das suas raras viagens o homem que, durante quatro décadas, governara o País com mão-de-ferro: António de Oliveira Salazar. A acompanhá-lo à última morada, os principais titulares dos «órgãos de soberania» e os principais responsáveis da ditadura, do Chefe de Estado ao chefe

da polícia política. Passando, claro, pelo *sucessor*, o presidente do Conselho, Marcello Caetano. Com mais polícias, à paisana e, à margem, alguns jornalistas. Este repórter, redactor do *Diário de Lisboa*, era um deles. O que escreveu, porém, foi cortado pela Censura, um dos *passageiros ocultos* do comboio. Que saiu, pontual, de Lisboa, da Praça do Império, frente ao Mosteiro dos Jerónimos, onde decorreram as exéquias. E que chegou a Santa Comba Dão com 40 anos de atraso.

Cinco irrepetíveis horas demorou essa

insólita viagem, a bordo de uma fornalha lenta. As «altas individualidades» trajavam a rigor, cinzentas, espremidas em coletes e colarinhos duros. Por vezes, literalmente pingando, pouco a pouco se puseram mais à vontade. E o reverente quase silêncio inicial foi dando lugar a conversas cada vez mais animadas. Ou mesmo a histórias e anedotas, como em certos enterros, se calhar incluindo as que já se contavam sobre Marcello.

Afinal, Salazar já tinha caído da cadeira (e do poder) há 691 dias, e excepto para uma

A última viagem
A urna de Salazar saiu da Praça do Império e cinco horas depois chegou ao Vimieiro, num comboio em que viajaram as principais figuras do «regime»

dúzia de salazaristas empedernidos e de «ultras», o velho, vivo, já era só ou sobretudo um empecilho. Assim, naquele improvável comboio, progressivamente os semblantes se desanuviaram e o ambiente espaireceu. Para lá de

tristes cataduras inexpressivas, como a do cabisbaixo Américo Tomaz, só em duas pessoas era visível um desgosto profundo: D. Maria, a governanta, que fazia as vezes de verdadeira viúva, e o ex-ministro António Correia de Oliveira (vulgo, Correio do Oliveira). Mas quando o comboio chega, enfim, à estação de Santa Comba, na freguesia do Vimieiro, regressam as poses severas e os rostos carregados. Cerca de dois quilómetros separam a estação do cemitério. E é outra vez um cortejo solene sob o sol escaldante, com paragem frente à casa onde Salazar nascera 81 anos antes e continuara a passar férias. O cemitério fica apinhado, o largo fronteiro também. O repórter nota e anota, é a última pessoa a sair de cima da pedra tumular, que, após a urna descer à cova, encimará aqueles sete palmos de terra. Uma pedra com uma única inscrição: AOS.

Mesmo sendo já Salazar, por essa altura, uma sombra de si mesmo, um cadáver adiado, o repórter tem a sensação de que vive o

‘ELE TINHA RAZÃO. TODO AQUELE QUE QUERIA TROCAR PORTUGAL PELO SISTEMA DA RÚSSIA É TRAIADOR DA NOSSA QUERIDA PÁTRIA.’

Lápide Cemitério do Vimieiro

fim de uma época da História de Portugal – que, no entanto, *sobrevivia!*... Uma época, objectivamente, pelo menos na sua óptica, e decerto na da maioria dos portugueses, de tirania, obscurantismo, perseguições, censura, polícia política, miséria, emigração, exílio, guerra colonial, isolamento e condenação internacionais. E de repente, pela sua cabeça passam mesmo, como num filme, memórias dramáticas, da farsa do Plenário às torturas de presos políticos e à recente morte de um amigo, numa guerra que não era sua.

Trinta e sete anos, uma revolução e muitos cabelos brancos depois, o repórter está de novo naquele cemitério. Sobre a pedra



'Homenagens' Lápides no cemitério e na casa onde nasceu. É o morto mais vivo de Portugal, diz Elsa Amaral, enfermeira reformada e 'admiradora'



4 [A CASA SALAZAR] NÃO SIGNIFICARÁ UMA HOMENAGEM, NEM QUEREMOS UM SANTUÁRIO OU LUGAR DE CULTO PARA SAUDOSISTAS,

João Lourenço, PSD Presidente da Câmara de Santa Comba Dão

tumular estão agora, intrusas, duas lápides com uma foto do defunto e dizeres desta qualidade: «Ele tinha razão. Todo aquele que queria trocar Portugal pelo sistema da Rússia é traidor da nossa querida Pátria.» Na parede branca em frente, mais lápides, com flores de plástico, frases e «versos» do tipo «que os humildes e honestos de boas intenções/ o chorem e aqui façam as suas lamentações», ou «mediocre é o povo que com ele nada aprendeu»...

«É o morto mais vivo de Portugal», diz Elsa Silvestre do Amaral, 67 anos, enfermeira reformada, que quase todos os dias vai ao cemitério. Muita gente «vem ali rezar e pedir-lhe perdão», e até já viu «objectos de cera, como os das promessas». A seu lado, Margarida Baptista, 60, vizinha, «parece com parede», de Salazar, também gosta(va) muito dele. A única maçãda aquando da sua presença era «perderem a liberdade», porque «ainda antes dele começavam a chegar policíacos e mais policíacos». Já Maria Antunes, 57, e Maria Marques Antunes, 70, que varrem e limpam, afirmam que o Toninho da Calçada era «boa pessoa». «Mas — acrescenta uma delas — não ajudava os pobres. Livrou-nos da guerra mas não da miséria, passámos muita fome, nesses tempos.»

Quanto à casa de Salazar, em muito mau estado, tem só uma lápide: «Aqui nasceu (...)»

um senhor que governou e nada roubou.» É aqui que existe o projecto de construir o chamado Museu, com o espólio do sobrinho-neto Rui, parte dosdo parte pago com uma remuneração mensal vitalícia (que pressupõe a sua colaboração futura) de 2 mil euros.

Entretanto, a polémica rebentou. Num país pejado de cartazes com Salazar e a inimaginável pergunta «Ditador ou salvador?», propagandeando o absurdo concurso da RTP em que ele é candidato, tal talvez favorito, a «maior português de sempre», o «museu» foi visto como mais uma forma de branqueamento do chefe do regime totalitário.

João Lourenço, o presidente da Câmara (PSD), nega, com veemência, tal intenção, e que a sua terra seja «salazarista»: «Não significará uma homenagem, nem queremos um santuário ou lugar de culto para saudosistas, antes um local com os objectos e documentos de Salazar, um centro de estudos com jornadas, debates e exposições sobre o Estado Novo, que seja um pólo de atracção da nossa terra.» Já há um projecto, incluindo um auditório com 168 lugares. E Lourenço tem a optimista convicção de que tal projecto, uma parceria público-privada, se autofinanciará. Revela-nos que, «para retirar a carga dramática», vai propor que não se chame Museu.

O que corresponde ao que Luís Torgal Ferreira, professor de História da Faculdade

de Letras de Coimbra, pensa aconselhável. Consultado pelo anterior Executivo, socialista, e também pelo actual, para dar apoio científico, o historiador entende que o acervo não justifica um «museu», longe disso, embora tenha «algum interesse local». Na sua opinião, o que se deve fazer é algo de similar à Casa de Mussolini, em Bolonha: «Tem de se evitar a memória santificadora e estudar, promover, objectividade da História.»

Não é outro o pensamento do seu colega de Faculdade Fernando Catroga, segundo o qual «quanto mais estas coisas se transformam em tabus, menos desconstruídas são». Também o ex-Presidente Mário Soares diz que um hipotético Museu «não faz nenhum sentido, mas também não tem importância nenhuma, pois, ao fim de algum tempo, ninguém lá vai: e a História é a História e fará Justiça». Já Iva Delgado, filha de Humberto Delgado, o general assassinado pelo regime de Salazar, sustenta que «não se devem apagar os vestígios da História» e que, ao assistir, há tempos, a um documentário sobre a vida de Estaline até se sentiu «defraudada» por não ver a sua casa, entretanto destruída.

Mas toda a gente em Santa Comba é a favor da restauração da Casa de Salazar, mesmo com «boas intenções»? Não. Além de parte da esquerda, como a comunista, ser contra, António Sousa Guedes, director do jornal A Voz do Dão, acha que o que quer que ali se faça só vai «criar ódios e conflitos». E lembra o caso da estátua de Salazar, retirada após uma bomba, em meados dos anos 70, lhe ter arrancado a cabeça. «Nunca mais ninguém a reclamos, no seu lugar há água, que representa paz e harmonia. É isto que desejo para a minha terra.»



www.aoz.pt Leia a versão integral da reportagem e participe no debate